

**CONECTANDO PETINA GAPPAH COM OS LEITORES BRASILEIROS: UMA
TRADUÇÃO COMENTADA DE “MISS MCCONKEY OF BRIDGEWATER
CLOSE”**Cibele de Guadalupe Sousa Araújo ¹

“[Being a writer] means always failing. But it also means, in the rare moments of success, connecting with readers through a work of the imagination. That part is marvellous. It is magic.”²

Petina Gappah (2015)

Apresento, neste texto, a tradução de um conto da escritora zimbabuense Petina Gappah, cuja internacionalmente premiada e reconhecida obra, composta por duas coletâneas de contos e um romance, não recebeu ainda tradução para o português brasileiro. Gappah nasceu em 1971, nove anos antes da independência do Zimbábue, mas já em meio à II *Chimurenga*, a guerra pela liberação do domínio colonial branco. Ela nasceu propriamente na Zâmbia, para onde seus pais mudaram-se por alguns meses à procura de emprego. No entanto, antes de ela completar um ano de idade eles já haviam retornado à Rodésia, o atual Zimbábue.

Com a independência e a reorganização da sociedade, estritamente segregada até então, sua família mudou-se para Harare, a capital do país, e Gappah foi uma das primeiras crianças negras a integrar uma das escolas antes reservadas aos brancos. Experiência que a autora explora vívida e habilmente no conto em tradução. Falante de shona e de inglês, Gappah formou-se em direito ainda no Zimbábue e recebeu no exterior os títulos de mestre e doutora em direito comercial, passando a atuar como advogada, na área de direito internacional, em Genebra.

Sua relação com a escrita remonta sua juventude. Aos quatorze anos já publicara uma narrativa, mas apenas em 2009 sua primeira obra completa, escrita em inglês, foi publicada. Trata-se da coletânea de contos *An Elegy for Easterly* (2009), que aborda a resiliência de diferentes personagens comuns vivenciando os caóticos anos do Zimbábue

¹ Cibele de Guadalupe Sousa Araújo é doutora em Letras e Linguística, com concentração em Estudos Literários, pela UFG. Leciona Inglês da Rede Municipal de Educação de Goiânia. E-mail: guadalupe.sousa@gmail.com.

² “[Ser uma escritora] significa falhar sempre. Mas também significa, em raros momentos de sucesso, conectar-se com os leitores por meio de um trabalho da imaginação. Esta parte é maravilhosa. É mágico.”.

pós-independente, mergulhado em crises financeiras e escândalos de corrupção. Tal coletânea foi finalista em diversas premiações importantes, como o Prêmio *Frank O'Connor International*, e venceu o Prêmio Literário do jornal *The Guardian*. Foi também traduzida para outras línguas, como o Chinês, o Holandês, o Finlandês, o Francês, o Japonês, o Norueguês, o Sérvio e o Sueco.

Para preparar sua segunda publicação, seu primeiro romance, Gappah retornou ao Zimbábue, em 2010, permanecendo no país por três anos. Publicado em 2015, *The Book of Memory* focaliza uma mulher albina chamada Memory, que cumpre pena no corredor da morte pelo assassinato de seu pai adotivo. Sua terceira e mais recente publicação, lançada ao final de 2016, foi *Rotten Row*, uma coletânea de contos que tematiza o crime, suas causas e efeitos, e a natureza da justiça, por meio da discussão das barreiras de classe, gênero, políticas sexuais no Zimbábue. Atualmente, Gappah trabalha em seu próximo romance, provisoriamente intitulado *The Last Journey*.

Além das obras referidas, Gappah conta também com publicações esparsas de seus contos, em jornais, revistas e coletâneas. Para esta tradução, tomei como referência a primeira publicação do conto intitulado “*Miss McConkey of Bridgewater Close*”, veiculada no diário britânico *The Guardian*, em cinco de dezembro de 2009. Privei-me aqui de reproduzir o texto original e as ilustrações a ele associadas, os quais podem ser acessados na página digital do jornal, e apresento apenas minha proposta de tradução para o mesmo, bem como este breve texto introdutório. Saliento, todavia, que o conto foi publicado também, *a posteriori*, em uma coletânea de contos editada por Irene Stauton, intitulada *Writing Free* (2011), pela editora *Weaver Press*.

Em “*Miss McConkey of Bridgewater Close*”, o leitor acompanha o reencontro de uma antiga aluna, já adulta no tempo principal da narrativa, e sua ex-diretora. O que poderia passar como uma ocasião trivial, ganha densidade ao adentrar-se as teias das relações de opressão e humilhação vivenciadas pela menina na escola previamente reservada a alunos brancos em que foi uma das primeiras alunas negras a ingressar, sob a regência da então diretora. Para além disso, se no contexto de sua infância a relação das duas foi marcada pela posição de superioridade da ex-diretora branca, garantida pelo fator racial, no momento do encontro a ex-aluna negra é quem se vê em posição de vantagem, sem, no entanto, voltar-se contra sua ex-diretora com ressentimento ou hostilidade, mas oferecendo-lhe ajuda em um momento de necessidade.

Acerca do conto “*Miss McConkey of Bridgewater Close*”, Petina Gappah revela que:

At the heart of my story, ‘Miss McConkey of Bridgewater Close’, is an exploration of the social burdens that came with Zimbabwe’s freedom, with its Independence, particularly the burdens borne by the black children who were the first to go to formerly ‘whites only’ schools and thus integrated these schools. I was one of those children. The sharpest memory I have of those days is the constant fear that I had done or said something wrong, something that would expose me to the stares and humiliating comments of my classmates. While the nation was celebrating its independence, while black parents were celebrating the opening up of educational opportunities that had been closed children were experiencing freedom as agony. However, my story is also about another kind of being free, it is about the freedom that comes from forgiveness, the freedom that comes with letting go of the memory of pain. (GAPPAH, 2011, p. ix-x).³

Para esta tradução, as decisões tradutórias pautaram-se no objetivo central de “conectar” Gappah com os leitores brasileiros sem apagar o que de estrangeiro há no texto. O estrangeiro, neste caso, passa pela conflituosa relação entre colonizador e colonizado no complexo, mas muito esperado, momento de transição, de libertação deste. Libertação que, no entanto, teve significados diferentes para as personagens envolvidas, negras e brancas, adultas e crianças. De início, ressalto que, em alguns momentos, me desobriguei de traduções mais diretas para dar fluência ao texto, especialmente nos diálogos, para que soassem mais coloquiais.

Já para as referências factuais da narrativa, sejam elas intertextuais, geográficas, históricas ou culturais, mantive-as, o mais das vezes, no texto traduzido sem qualquer intervenção, mesmo em forma de notas explicativas. Desta forma, não logrei traduzir nomes de personagens e narrativas mencionadas no conto, como a “*Mallory Towers*”, que conta com versão portuguesa intitulada “O Colégio das Quatro Torres”. Tampouco adaptei os nomes de regiões, ruas, e estabelecimentos, como o centro comercial “*Mabelreign*” e a “*Harare / Salisbury Drive*” ou o nome de eventos festivos da escola,

³ “No coração de minha história, ‘Miss McConkey of Brigdewater Close’, está uma exploração dos fardos sociais que vieram com a libertação do Zimbábue, com sua Independência, particularmente os fardos carregados pelas crianças negras que foram as primeiras a ir para as escolas previamente reservadas apenas aos brancos e assim integraram essas escolas. Eu fui uma destas crianças. A memória mais viva que tenho daqueles dias é o medo constante de ter feito ou dito algo errado, algo que me exporia aos olhares e comentários humilhantes de meus colegas de sala. Enquanto a nação estava celebrando sua independência, enquanto os pais e mães negros estavam celebrando a abertura de oportunidades educacionais que haviam sido fechadas, as crianças estavam experimentando a liberdade como agonia. No entanto, minha história também é sobre outro tipo de liberdade, é sobre a liberdade que vem com o perdão, a liberdade que vem com desfazer-se da memória da dor” (GAPPAH, 2011, p. ix-x).

como o “*Civvies Day*” ou a “*Prizegiving Night*”. Uma exceção à esta diretriz deu-se em relação às referências a “*Marmite*”, “*polony*” e “*Smarties*”, os quais busquei indicar, por acréscimo, tratem-se de alimentos, ainda que tenha tido dificuldade em encontrar um exato correspondente e que tenha acabado por adaptá-los. Outra dificuldade foi a tradução de “*Roan*”, que, por falta de termo mais exato, acabei por verter por “equitação”, e de “*widths*” e de “*lengths*”, que, apesar de referirem-se a medidas, verti por “mergulhos” e “braçadas”.

Não atentei qualquer intervenção também nos trechos em que a língua autóctone das personagens negras era utilizada, pois no texto original esses trechos também chegam ao leitor sem mediação e, além disso, acredito que eles cumprem uma importante função na narrativa aprofundando o embate cultural e identitário no contexto colonial e pós-colonial, sem prejudicar a compreensão da tradução. Por outro lado, fiz a adaptação dos pronomes de tratamento empregados ao português brasileiro, visando também à fluência do texto traduzido. Também por questões de fluência, com vistas a evitar truncamentos, interfeiri, em alguns casos na pontuação textual, sem adaptá-la por completo às normas vernáculas.

Por fim, apresento a seguir o texto traduzido, logrando mediar uma primeira conexão, por meio de sua escrita literária, entre Petina Gappah, esta proeminente escritora zimbabuense, e o leitor brasileiro, que ainda não dispunha de tradução de sua obra, mesmo que tão capsular, como esta apresentada neste Dossiê, o qual visa justamente ao estreitamento das complexas e relevantes relações entre a Tradução e a Diáspora Negra.

A Srta. McConkey da Bridgewater Close

Petina Gappah

Quando a vi ontem, a Srta. McConkey parecia vívida e frágil ao mesmo tempo, como um cruzamento entre Doris Lessing e a pobre e assassinada Cora Lansquenet. Ela estava na fila para o único caixa dentro do supermercado OK, que substituiu o Bom Marché, no centro comercial Mabelreign. Ela sustentava sua cabeça como sempre fizera, levemente inclinada para a esquerda, e seu cabelo, todo branco agora, estava apinhado em um grande coque no topo da cabeça. Quando eu era uma garotinha, seu cabelo lembrava-me o de Mam'zelle em Mallory Towers. Não Mam'zelle Rougier, que era magra e amarga e nunca

nada divertida, mas Mam'zelle Dupont, que era roliça e alegre. Seus olhos, diferente dos de Mam'zelle Dupont, que nunca foram estáticos e brilhavam e cintilavam atrás dos binóculos de teatro, não luziam atrás de seus óculos redondos. Mesmo com todo o tempo que se passara, eu a teria reconhecido em qualquer lugar, e, além disso, pode-se contar em apenas oito dedos o número de pessoas brancas que sobraram ao todo, de Mabelreign, de Sentosa a Bluff Hill, de Meyrick Park a Cotswold Hills.

Ela levou uma quantia de tempo imoderada para colocar suas coisas no balcão: açúcar, e macarrão, extrato de tomate, um pacote de cebola e duas latas de leite condensado, suco concentrado de laranja Mazoe, um pão, uma cartela de ovos, sete caixas de vela e três pacotes de ração Irvine's Chik. “São setenta e cinco bilhões, trezentos milhões e seiscentos mil dólares”, o caixa disse.

Ela pegou quatro maços de notas, despelou algumas de um deles e entregou o resto. O caixa retirou as ligas dos maços e colocou o dinheiro no contador de cédulas.

Quando o som zumbente parou, e o botão vermelho piscou para indicar a quantia, o caixa disse: “Faltam quinhentos milhões.”

“Não pode ser”, a Srta. McConkey disse. “Sua máquina deve estar estragada. Eu acabei de vir do banco neste exato instante.”

O caixa contou o dinheiro nota por nota, empilhando as notas em pequenas pilhas de bilhões e milhões por cima do balcão. Agora a fila de clientes segurando suas compras, principalmente pacotes de velas sobre as quais havia rumores de que estariam disponíveis apenas no OK de Mabelreign, estava murmurando motins. A contagem continuou. A máquina não estava estragada.

“Você tem o suficiente?”, perguntou o caixa.

“O quê?”, disse a Srta. McConkey.

O caixa franziu as sobrancelhas e suspirou e disse: “Dinheiro. Você tem dinheiro suficiente?”

“Mais dinheiro”, a Srta. McConkey disse.

“Perdão?”, disse o caixa.

“Mais, não suficiente. Você tem mais dinheiro?”

“Você tem mais dinheiro?”, o caixa repetiu em voz alta.

“Não há necessidade de gritar dessa forma”, a Srta. McConkey disse. “Espere.”

Ela remexeu em sua bolsa para encontrar as notas que despelara, mas estas somadas com as outras falharam em inteirar os setenta e cinco bilhões, trezentos milhões e seiscentos mil dólares.

“Talvez você possa voltar ao banco e perguntar”, sugeriu o caixa.

“Está fechado agora, não está?”, disse a Srta. McConkey, “E de que adiantaria?”

“Podemos devolver algumas coisas”, o caixa disse.

Ela alcançou a razão.

“Vou pensar, obrigada”, a Srta. McConkey disse.

"Kanotofidha imbwa mari kasina", disse uma voz atrás de mim.

Movi-me para frente até a caixa registradora.

“Eu a conheço”, eu disse para o caixa em shona, e em inglês, para a Srta. McConkey, eu disse: “Eu ficaria muito feliz em ajudá-la a pagar por suas compras.”

“Não, muito obrigada”, a Srta. McConkey disse sem olhar para mim.

“Srta. McConkey”, eu disse.

Ela olhou para mim então.

“Você mora em Brigdewater Close”, eu disse, “No número dezessete. Eu conheço a sua casa e eu poderia pegar o dinheiro depois”.

Ignorei os murmúrios vindos detrás de mim e continuei: “Você foi minha diretora na HMS Junior”. Então contei-lhe meu nome. Ela pareceu não entender, e não era de se admirar, eu havia lhe dado meu verdadeiro nome. Contei-lhe meu nome da escola.

“Claro”, ela disse. “Você estava em Kudu”.

“Você tem uma boa memória”, eu disse.

Dei-lhe o dinheiro para suas compras, paguei pelas minhas, e, depois de uma peleja, ela concordou que eu poderia carregar suas sacolas até o carro. Seu carro estava estacionado do outro lado da Stortford Parade, de frente ao mercado e à igreja. Era um Datsun 120Y, lembrei-me, o carro que fazia meu coração disparar ao vê-lo passar.

“Não fui diretora por muito tempo depois de você entrar lá, fui?”

Ela olhou diretamente para mim, e eu era uma criança novamente, o velho medo agarrou meu coração, e eu pensei que ela devia saber que foi por minha causa que ela não esteve mais em cena no corredor, flanqueada entre os dois murais de mérito e todos de HMS Junior, da série KG1 até a 7Blue, respondendo com uma só voz e dizendo: “Bom Dia Srta. McConkey.”



Sempre estivemos em primeiro lugar nas coisas que importavam para meus pais. Então não foi surpresa para ninguém quando meus pais se mudaram para Cotswold Hills, quando eu tinha sete anos, o ano em que as pessoas brancas que governavam nosso país abriram as áreas que haviam fechado para os negros.

Meu pai trabalhava para um banco na cidade. Nossa família foi a primeira da rua a possuir um carro, um Citroen amarelo chamado de *bambadatya* no distrito por causa de sua forma de sapo acorçado. Eu fui a primeira criança que conheci a viajar de avião, para a Victoria Falls, não para ver as cataratas mas meu pai, que trabalhou por lá brevemente por seis meses.

Por anos depois daquilo, minha mãe manteve os bilhetes presos proeminentemente em um álbum de fotos, próximo a uma foto nossa de pé ao lado da aeronave da Air Rhodesia. Quando visitas pediam para ver o álbum de fotos, e perguntavam o que eram os bilhetes, minha mãe, em uma voz muito trabalhada para ser casual, dizia: “Ah, esses são só os bilhetes de avião da vez em que fomos a Vic Falls.”. Ela fazia questão de chamá-las de Vic Falls porque foi assim que o capitão chamou quando aterrissamos: “Bem-vindos a Vic Falls”, ele disse, “neste dia brilhante e ensolarado”, e ela nunca mais as chamou de qualquer outro modo depois daquilo.

Pouco depois da viagem de avião, mas muito depois de ele comprar o carro, nós nos mudamos de Specimen para Glen Norah B, para um dos apartamentos inteligentes que eram em uma rua do distrito, onde nós não eramos os primeiros a ter um carro, mas eramos os primeiros a ter tanto um telefone quanto uma televisão. Meu pai não se contentava em morar nos distritos africanos, em Mbare e Highfield, Mabvuku e Glen Norah; nem serviam para ele os subúrbios africanos de Westwood, apenas uma rua de Kambuzuma, ou Marimba Park, dez passos afastado de Mufakose. Nos domingos, após a igreja, ele nos levava para longos passeios de carro ao longo da Salisbury Drive e apontava para Borrowdale, Cotswold Hills, Marlborough e Mount Pleasant, Highlands, Avondale, Bluff Hill, lugares cujos meros nomes evocavam vidas maravilhosas que estavam fechadas para nós porque o primeiro ministro decretara que nem em mil anos pessoas negras governariam a Rodésia.

Nós nos mudamos no ano do povoamento interno. As casas eram tranquilas em ruas sem poeira. Havia árvores, flores e gramados por toda parte. Havia cercas vivas e portões baixos com placas em que a silhueta de um cão rosnava para um homem com os dizeres “Cuidado com o cão, *bassopo la injja*”. O leiteiro depositava as garrafas de leite com tampas douradas e prateadas do lado de fora, e ninguém as roubava. Na nossa sala de estar, com uma lareira e um tapete marrom sob medida, nós assistíamos anúncios de televisão da Solo, a margarina para famílias com um apetite pela vida, da Pro-Nutro, o equilíbrio da natureza, e da Luz do Sol para aquela limpeza fresca e eficaz. Naquele Natal, meus pais deram uma festa para todos os nossos parentes. Meu pai rodopiou minha mãe para lá e para cá enquanto David Scobie cantava “Gypsy Girl”. Todos os convidados gritavam *enke enke enke* então na hora em que fui dormir naquela noite, eu já sabia todas as palavras da canção e o *tanatana tanatana tanatana* do refrão teceu seu caminho até meus sonhos.



Em janeiro, comecei em minha nova escola. Chamava-se Henry Morton Stanley Junior School, mas todos chamavam-na de HMS Junior. Na manhã de meu primeiro dia, conheci a Srta. McConkey. “Não consigo pronunciar Zvamaida”, ela disse, enquanto anotava meu nome. “Ela não teria outro nome?”

De fato eu tinha, meu segundo nome, Hester, o nome da irmã falecida de meu pai, um nome que eu odiava. Tive sorte, suponho, Lucia na série 3Red não tinha nenhum outro nome além de Chioniso, então sua mãe arrancou Lucia do nada na sala da Srta. McConkey. Às vezes ela esquecia seu novo nome e se metia em encrenca.

Eu deixei Zvamaida para trás em Glen Norah, e Hester tomou seu lugar, uma Hester que sentia falta da velha escola, onde as vozes de crianças em uníssono podiam ser ouvidas entoando a tabuada de doze vezes ou "*Sleep baby mine, the jackals by the river are calling soft across the dim lagoon where tufted rows of mealies stand aquiver under a silver moon.*"⁴

Em março, todas as cinco crianças negras que haviam começado na escola no mesmo dia foram chamadas à sala da Srta. McConkey. Um livro desaparecido fora encontrado na mochila de Gary da série 5Red que era Garikai em casa. Um de nós havia sido descoberto por ser um ladrão e um mentiroso, ela nos disse. Ela deu um longo sermão sobre padrões, e quando nós olhamos para baixo para nossos pés, à maneira de crianças africanas respeitadas treinadas para não olhar adultos nos olhos, ela falou sobre a importância de não ser dissimulado.

O roubo de Gary veio a definir nosso relacionamento um com o outro. Até que mais crianças negras entrassem na escola muito tempo depois, os cinco de nós estávamos conectados pela dura realidade de nossa cor, mas separados pelos golfos maiores de sexo e idade, e acima de tudo, por uma necessidade urgente de mostrar que não eramos todos uns iguais aos outros. Queríamos amigos brancos, eles tinham todas as coisas boas, tinham coisas diferentes em seus sanduíches, como manteiga Marmite e patê polony e queijo. *Eles iam para a África do Sul nas férias, e traziam de volta confetes de chocolate Smarties. Eles sabiam todas as piadas com Van e o que você conseguia quando cruzava um canguru com um novelo de barbante o que era preto e branco e todo vermelho, o que o biscoito disse depois de ser ultrapassado, por que o homem maneta atravessou a rua. De Natal, eles não ganhavam roupas da promoção do cabide vermelho da Edgars, que vestiriam na escola no Civvies Day, eles tinham anuários, como o Misty and Jacky, e o The Beano e o Whizzer and Chips. Eles tinham cubos mágicos da Rubik, e ioiôs, e Monopoly e Ludo. Eles podiam segurar a respiração por dois mergulhos embaixo d'água, e às vezes, como Evan Smith, por duas braçadas. Eles tinham seus próprios tacos de hóquei, raquetes de tênis, e bastões de críquete, e não usavam aqueles velhos e*

⁴ “Durma meu bebê, os chacais às margens do rio estão chamando macio pela lagoa sombria onde fileiras adornadas de milho tremulam sob a lua prateada.”.

desgastados da escola. Suas mães compravam seus crachás na Barbours; elas não os costuravam com mãos desiguais. E os rádios de seus pais não diziam *nditaki nzvee kwa* Amato *wandiona* ou tinham as exortações de Jarzin Man para comprar na Jarzin *kune zvekudya zvine mitengo yakaderera*.

As únicas crianças brancas que fizeram amizade conosco, ao menos naquele primeiro e solitário ano, foram as desajustadas e proscritas, as crianças cuja companhia todos os outros evitavam. Gary agarrou-se a Keith Culverton, cuja família era grande o suficiente para ser africana, cujos dois cães eram afamados por ter raiva, e que muitas vezes vinha para escola vestindo bermudas grandes de seu irmão mais velho. Depois da mãe de Ian Moffat fazer uma cena na escola, quando seu marido fugiu para viver com a Srta. Adamson, que lecionava na série 5Red, Ian Moffat transformou-se pela humilhação e tornou-se amigo de Vusani. E quando Antonia de Souza derrubou o bastão e fez Kudu chegar em último lugar na corrida interclasse, ninguém mais brincava com ela, porque ela corria como uma espática (e além disso, disse Stacey Collins, ela não era europeia de verdade, apenas *portuguesa*), ela falava principalmente com Lucia, que tinha feito Eland chegar em primeiro na mesma corrida, mas que só recebeu o troféu compartilhado muito depois de termos esquecido que fora ela que conduzira Eland à vitória.

Eu tinha Lara, Lara Van Tonder, a única Van em uma turma viciada em piadas de van, Lara a gorda a quem todos começaram a chamar de Blubber - Oléo de Baleia, após a Sra. Crowther nos contar sobre as baleias. Ela era muito gorda para correr ou nadar e quando andava rápido sua respiração vinha rapidamente em pequenos assobios. Lara gostava que eu penteasse seu cabelo com cem escovadas no parquinho da escola, e ela me fazia contar cada uma delas. “Se você escovar o suficiente, ao menos três vezes ao dia”, ela dizia, “ele se tornará dourado, como o da Pauline Fossil”. Eu não acreditava nisso de verdade, mas eu o fazia mesmo assim, porque Lara tinha uma piscina em casa em que não podia nadar, então ela sentava com as pernas penduradas na piscina, enquanto eu mergulhava e apanhava moedas no fundo da piscina, e eu ficava feliz porque nós eramos iguaizinhas a Darrel e Mary-Lou em Mallory Towers.



A Srta. McConkey morava a duas ruas de nossa casa, em Bridgewater Close, e ela muitas vezes passava por mim em seu Datsun 120Y. Eu tratava de endireitar meus ombros quando via seu carro ou quando passava por sua casa para atalhar o caminho de minha casa. Uma vez, enquanto eu passava pela Pat Palmer descalça e aproveitava o forte calor da estrada sob meus pés, vi seu carro e me escondi na vala até ela passar.

Na escola, eu a via todo dia na acolhida, e nos corredores quando ela nos via andando em grupos ela dizia, fila única, crianças. Apenas no terceiro bimestre, com a chegada da Prizegiving Night, eu a vi frequentemente. Era uma tradição escolar, fomos informados, para HMS Junior, celebrar naquela noite a descoberta de David Livingstone por HM Stanley. Havia um poema que a escola recitava, um poema longo e ativo em que havia um Livingstone e um Stanley, muitas pessoas preocupadas na Inglaterra imaginando o

que acontecera com Livingstone e muitas nativos fazendo danças e nomeando todos os lugares que Livingstone descobrira.

A estrela era Keith Timmons, o capitão de equitação. Ele era Stanley, em um chapéu de explorador, e declamou, em uma voz alta e exaltada: “Ah, onde está o Dr. Livingstone, Dr. David Livingstone, que partiu para a África para pisar a trilha invicto?”. Então vinte crianças, que supostamente seriam o povo na Inglaterra, diziam: “Nós não recebemos nenhuma carta já faz tanto tempo, talvez devêssemos enviar o Sr. HM Stanley, apenas para saber se ele foi comido.”

“E cantem comigo em coro”, disse Stanley, “enquanto os nativos fazem uma algaz-arra”. Os cinco de nós, as cinco crianças negras, tínhamos de estar em coro e com vozes altas, entoamos: “Nyasa e Zambesi e Cabango e Kabompo, Chambese e Ujiji e Ilala e Dilolo, Shapanga e Katanga, sem esquecer de Bangweolo!”. Nós dançamos e pisamos duro e batemos nossos tambores como se nossas vidas dependessem disso. Lucia e eu adicionamos um pequeno floreio tentando ulular como tínhamos visto nossas mães fazerem. “Muito bem crianças”, a Srta. McConkey disse. Nós fomos os melhores nativos que a escola já havia visto, ela disse.



Foi meu tio Gift que mudou tudo. Ele havia lutado na guerra como Camarada White Destroyer e retornado com pouca paciência para o que ele chamava de *elementos renegados duros de matar*. Ele trabalhava no Departamento de Assuntos da Juventude e Criação de Empregos e contou a seu chefe sobre nosso poema, e seu chefe ligou para alguém no Herald, e a Srta. McConkey foi parar nas notícias e então ela não era mais a diretora. Havia outro diretor, um homem de cor chamado Sr. Marchand, e os professores, meus pais disseram, não trabalhariam sob suas ordens então iriam para a África do Sul. Tio Gift disse que não havia lugar para pessoas como aquelas no país, mas minha mãe estava preocupada com a partida dos professores brancos, porque ela queria que eu tivesse um bom sotaque.

Nunca mais fui chamada à sala da Srta. McConkey novamente, porque ela não tinha mais uma sala. Ela permaneceu, lecionando aulas de reforço para os aprendizes lentos, até que não houvesse sobrado nenhum dos professores brancos na escola e apenas um punhado de crianças brancas. Eu tomei tanto medo da Srta. McConkey que passei a trilhar o caminho mais longo para casa, pela Pat Palmer e pela Cotswold Way, e assim consegui evitar a Bridgewater pelo resto da minha vida na HMS Junior. Quando parti para a escola secundária, ela ainda estava lecionando as aulas de reforço, sem nunca saber que fora eu que mudara sua vida para sempre. Não a vi novamente até ontem, quando lhe faltou dinheiro no OK.

e

Carreguei as sacolas de compras para ela e a acompanhei até o carro.

“Está vivendo no exterior então, não está?”, ela disse.

“Moro na Austrália agora, Srta. McConkey”, eu disse. “Em Melbourne.”

Pensei que ela diria mais alguma coisa e esperei, mas ela não disse nada enquanto entrava no carro. Ela fechou a porta e disse: “Trate de vir e buscar seu dinheiro”.

“Sim, Srta. McConkey”, eu disse.

“Vá embora agora”, ela disse.

“Adeus, Srta. McConkey”, eu disse.

Ela ligou o carro sem dar outra palavra, e dirigiu para a Stortford Parade, passou a policlínica que costumava ser o hospital veterinário, e passou a Wessex Drive. Eu a assisti até seu carro virar à esquerda na Harare Drive, a antiga Salisbury Drive ao longo da qual meu pai nos levava para passear há uma vida atrás. Eu a assisti até que ela desapareceu de minha vista.

Referências bibliográficas:

GAPPAH, Petina. “Miss McConkey of Bridgewater Close”. Sítio do jornal The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2009/dec/05/petina-gappah-awardwinner-short-story>> Acessado em: jan. 2017.

_____. In: Stauton, Irene. *Writing Free*. Weaver Press: Harare, 2011. p. ix-x

_____. Entrevista. In: “Q&A with author Petina Gappah”. Sítio do jornal Financial Times. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/4f1bf308-58a5-11e5-9846-de406ccb37f2>> Acessado em: fev. 2017.